Nas bancas

Unicamp é líder em pesquisas sobre atividade motora adaptada no país

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

A Unicamp é responsável por 60% da produção de pesquisas em atividade motora adaptada quando o assunto é deficiência. É seguida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que possui 13% da produção nacional e pela Universidade de São Paulo (USP), com 7%. Além disso, a maioria dos profissionais de referência na área passou pelos programas de mestrado e doutorado da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp. Os dados constam da tese de doutorado "A Atividade Motora Adaptada: O Conhecimento Produzido nos Programas *Stricto Sensu* em Educação Física, no Brasil" de Rita de Fátima da Silva, defendida na FEF e orientada pelo professor Paulo Ferreira de Araújo.

O trabalho apresenta o estado da arte nos estudos sobre a atividade motora adaptada envolvendo populações em condição de deficiência. Segundo Rita, não existe levantamento semelhante, pois se tratava de um dos desafios dos profissionais em saber exatamente a natureza das pesquisas e quem produz estudos acadêmicos nesta área. "No desenvolvimento do mestrado sobre a qualidade da disciplina de atividade motora adaptada nos cursos de Educação Física, na região Centro-Oeste do país, me vi diante desta questão. Muitos professores que entrevistei tinham a mesma indagação e, por isso, resolvi investigar o assunto", destaca.

Foto: Antoninho Perri

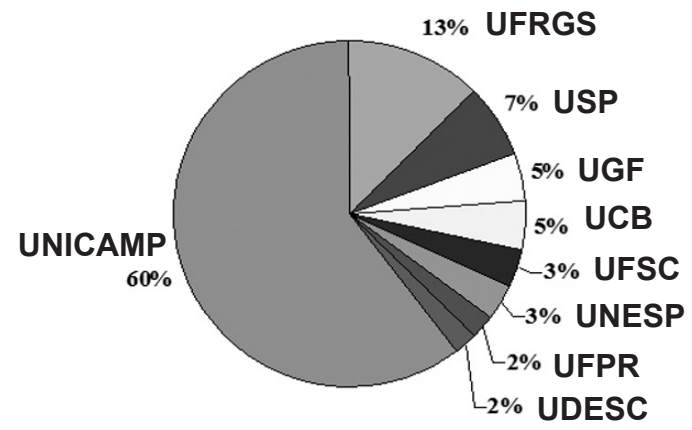
Rita de Fátima da Silva, autora da tese: "Fiquei impressionada com o conteúdo dos trabalhos"

A pesquisadora colheu os dados de 20 instituições de ensino superior, mas somente nove entraram na amostragem por obedecer ao critério de inclusão, ou seja, estarem de acordo com as orientações da Capes, serem reconhecidas e terem disponibilizadas as teses e dissertações via *on-line* em suas bibliotecas digitais. O levantamento tomou como base o primeiro programa de mestrado, em 1977, instituído pela USP, até o mais recente programa de doutorado, criado em 2005 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

No caso da Unicamp, o impacto na produção nacional apareceu ao longo do trabalho. Segundo a professora, era esperado que o volume de pesquisas fosse significativo, mas foi surpresa a liderança do *ranking* de forma tão expressiva, pois a soma das outras instituições chega a 40%. Uma das justificativas, analisa, estaria no fato de a instituição ter uma linha específica para trabalhos sobre deficiência, também mantida pela UFRGS, segunda em percentual de pesquisas. "Este fator favorece que haja uma produção mais focada na questão, diferentemente de outras instituições em que os trabalhos são 'encaixados' nas linhas existentes", argumenta. Outro aspecto destacado é o fato de as pesquisas em Educação Física envolvendo a atividade motora adaptada estarem concentradas em áreas predominantemente biológicas, com uma porcentagem de 56%, seguidas das pedagógicas, com 25%.

A professora identificou ainda que as regiões que concentram as pesquisas são basicamente Sul e Sudeste, sendo os maiores volumes de estudos nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. São 18 linhas de pesquisa e um contingente de 123 pesquisadores. No total, são 68 dissertações de mestrado e 20 teses de doutorado até o final da pesquisa, em 2008. "Tive a oportunidade de ler todos os trabalhos – 88 no total – e fiquei impressionada com o conteúdo das investigações. Há muita coisa boa sendo produzida no país e, no entanto, ainda percebemos os privilégios dados aos estudos internacionais", destaca.

Percentual de Pesquisas por instituição



UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; **USP** – Universidade de São Paulo; **UGF** – Universidade Gama Filho; **UCB** – Universidade Castelo Branco; **UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina; **UNESP** – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; **UFPR** – Universidade Federal do Paraná; **UDESC** – Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina; **UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas.

Imagens refletem cotidiano de zona de prostituição

De máquina fotográfica em punho, nove pessoas, entre travestis e mulheres profissionais do sexo, saíram às ruas do Jardim Itatinga, maior zona de prostituição de Campinas, para capturar imagens do bairro e de elementos próximos à sua realidade. Depois, por seis meses, participaram de oficinas de fotografias e, novamente, foram em busca de imagens. "Houve diferença no olhar fotográfico, e pude observar uma transformação na forma de fazer fotografias. É como se elas começassem a refletir sobre o cotidiano a partir da prática", destaca o fotógrafo Luiz Carlos Sollberger Jeolás, autor da dissertação de mestrado "Vendo o corpo, vendo a imagem: a auto-representação fotográfica de travestis e mulheres profissionais do sexo do Jardim Itatinga/Campinas", apresentada no Instituto de Artes (IA) e orientada pelo professor Fernando De Tacca.

O objetivo do trabalho foi responder basicamente a duas questões iniciais. Primeiramente, se a prática fotográfica das colaboradoras apresentaria marcas de gênero. Ademais, Jeolás também queria saber se a utilização da técnica fotográfica poderia realocar as percepções do público estudado. Neste sentido, a proposta do fotógrafo foi realizar uma produção endógena, ou seja, capturar imagens a partir do olhar de pessoas pertencentes ao ambiente. "Acredito que alcançaria resultados extremamente diferentes se eu chegasse ao local para fotografar, ao invés de deixá-las livres para fazer as imagens", explica.

Foram produzidas mais de seis mil fotos, que constituem um dos maiores acervos de imagens do Jardim Itatinga, visto pelo ângulo de quem pertence ao lugar. Em pesquisa sobre as fotos produzidas no Jardim Itatinga, Jeolás esteve diante de um volume grande de imagens depreciativas do bairro.

Outro resultado importante foi a premiação máxima e menção honrosa recebidas no 8º Seminário Internacional Fazendo Gênero, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em agosto de 2008. Onze fotos foram enviadas para o concurso, em uma seleção feita por Jeolás. Para apresentação do trabalho, ele pretende montar uma exposição no bairro com fotos selecionadas pelas próprias colaboradoras, assim como as imagens que compõem a dissertação também escolhidas por elas.

Durante as oficinas, eram passadas orientações sobre técnica e foram estudadas imagens de fotógrafos famosos nacionais e internacionais que já abordaram a questão do gênero e da prostituição. Os autores das imagens tiveram acesso a vídeos e debatiam, em seguida, as produções. Desta forma, Jeolás constatou uma mudança na percepção das colaboradoras. "Perceberam a foto como veículo de interrogação. Não fotografavam mais só as 'coisas' bonitas, mas captavam terrenos baldios, lixos e muitos outros elementos que caracterizavam o bairro. Mais do que capturar imagens, elas passaram a refletir sobre o local em que vivem", esclarece o pesquisador, que contou com o apoio financeiro da Fapesp.

Segundo o fotógrafo, em nenhum momento o trabalho teve como finalidade estimular a mudança de vida dos travestis e profissionais do sexo. A ideia foi, segundo ele, justamente partir para a auto-representação. Além do bairro, os travestis e as mulheres profissionais do sexo puderam ainda fazer fotos no Museu da Língua Portuguesa e na Rua São Caetano – conhecida como a "rua das noivas" – ambos localizados em São Paulo. Também percorreram algumas ruas do centro de Campinas. No entanto, diz Jeolás, a noção de realizar uma memória do bairro foi bastante evidente. **(R.C.S.)**

Divulgação

Algumas das seis mil fotos produzidas pelos moradores do Jardim Itatinga: memória do bairro em instantâneos produzidos por travestis e profissionais do sexo

Foto: Antoninho Perri

O fotógrafo Luiz Carlos Sollberger Jeolás: "Mais do que capturar imagens, eles passaram a refletir sobre o local em que vivem"